Histórias de vida no Telejornalismo: Geneton Moraes Neto revisita Joel Silveira[1]

Christina Ferraz MUSSE[2]

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais

RESUMO:

A entrevista no telejornalismo é um gênero que ganha importância no cenário em que a realidade é a matéria-prima das boas histórias. Biografias, memórias, diários íntimos, blogs, documentários revelam um interesse cada vez maior pela história do outro. O telejornalismo cede espaço para os anônimos, que legitimam a informação oficial. Os programas de entrevista preenchem mais espaços nas grades de programação. A temática das histórias de vida faz parte do primeiro documentário produzido por Geneton Moraes Neto para o canal Globo News. "Garrafas ao mar: a víbora manda lembranças" revisita a genialidade de outro grande jornalista e entrevistador, Joel Silveira, e nos permite refletir sobre temáticas relevantes no contexto da produção telejornalística contemporânea, envolvendo temas como passado e presente, objetividade e emoção, repórter e personagem.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; memória; história de vida; entrevista; narrativa

A MUSEALIZAÇÃO DO CONTEMPORÂNEO

Vivemos um momento presente em que o passado, a memória e a história ganham espaço cada vez maior no cotidiano de nossas vidas. Há um desejo de passado que se traduz na avalanche de biografias, romances históricos, documentários, programas de entrevista, *talk shows* que fazem com que as lembranças de personagens célebres ou simples anônimos ganhem robustez e legitimidade. É como se esses relatos de certa forma funcionassem como uma âncora e nos garantissem um pouco de estabilidade num mundo complexo, frágil e efêmero. Neste sentido, os discursos da memória garantiriam estabilidade e legitimariam vínculos de pertencimento, como aqueles que costumamos manter com o lugar em que nascemos e crescemos. Por outro lado, as narrativas sobre o passado recente, em especial aquelas até então consideradas marginais, produzem uma

[1] Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Professora doutora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, e-mail: musse@terra.com.br.

ressignificação da história, evidenciando seu caráter polifônico, e revelando novas tramas do tecido social até então invisíveis.

Os discursos da memória ganharam força na Europa e nos Estados Unidos no começo da década de 80, em especial por conta de um debate cada vez mais amplo sobre o Holocausto (HUYSSEN, 2000). Pollak (1989) lembra-nos que a proliferação de depoimentos ligou-se ao fato de que as testemunhas oculares perceberam que cada vez teriam menos tempo de registrar suas memórias contra a ameaça de esquecimento. Esses debates se estenderam depois pelos anos 1990, com as "políticas genocidas" em Ruanda, na Bósnia e em Kossovo. E também com a revisão histórica necessária aos regimes pós-ditatoriais da América Latina e aos países satélites da antiga União Soviética. Mas a cultura da memória, alerta Huyssen, "[...] também levanta questões difíceis sobre o uso do Holocausto como um lugar-comum universal para os traumas históricos" (id.ibid., p. 12). A observação é pertinente, já que a reapropriação de sentido continua. Veja-se o título do livro da jornalista Daniela Arbex, "Holocausto Brasileiro", sobre o antigo Hospício de Barbacena, em Minas Gerais, lançado em junho deste ano. Lá, morreram 60 mil pessoas, a grande maioria delas internada à força. No texto, o genocídio é comparado àquele dos campos de concentração nazista. Há uma reapropriação semântica, mas também uma ressignificação das denúncias publicadas nos anos 60 e 70. O livro é um sucesso editorial e já caminha para a segunda edição (ARBEX, 2013). "No movimento transnacional dos discursos de memória, o Holocausto perde sua qualidade de índice do evento histórico específico e começa a funcionar como uma metáfora para outras histórias e memórias" (HUYSSEN, opus.cit., p.13). De certa forma, é como se persistisse o lema de que é preciso lembrar, para não esquecer.

A expansão geográfica da cultura da memória, lembra-nos Huyssen, é tão importante quanto seu uso político, indo desde a utilização de passados míticos para apoiar políticas fundamentalistas até a criação de "[...] esferas públicas de memória 'real' contra as políticas de esquecimento, promovidas pelos regimes pós-ditatoriais, seja através de reconciliações nacionais e anistias oficiais, seja através do silêncio repressivo" (id.ibid., p. 16). Para exemplificar essas disputas, Pollak (1989) nos fala das "batalhas de memória" observadas na Europa na segunda metade do século passado, citando dois momentos fortes da desestalinização na antiga União Soviética, quando "[...] memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público [...]" (id.ibid., p.3). Para Pollak:

> A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades [às quais, hoje, deveríamos acrescentar as redes sociais], esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (id.ibid., p. 4).

Na verdade, pode-se dizer que a realidade de um acontecimento histórico reside em sua possibilidade de ser narrado (SARLO, 2010, p.373). Na narração não se observa apenas a ordem cronológica, mas "[...] as negociações de valor presentes nos textos que organizam o real histórico" (id.ibid., p. 373). Poderíamos falar então de uma "imaginação histórica" (id.ibid., p. 374), entendendo a história não mais como lugar da "objetividade", mas também da "subjetividade", "um espaço de negociação cultural, em que diferentes histórias (*stories*) competem por um lugar na historia (*history*)" (STUKKEN, 1977, p.1 apud BAER, 2005, p.29)[3]. Pollak (opus cit., p.9) chama a atenção, para além da negociação, da função do "não-dito", das zonas de sombra e silêncio, que acometem muitos daqueles que viveram situações traumáticas por diversos motivos: "[...] pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos" (id.ibid., p.9).

> A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos [a desestalinização, a deportação dos judeus, a recrutação à força na 2ª Grande Guerra], uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (id.ibid., p. 9).

A memória coletiva organizada está por toda a cidade, por onde constroem-se museus e memoriais. Pollak nos diz que "[...] o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização" (id.ibid., p.10). A memória oficial é aquela perpetuada pelos monumentos, pelos feriados comemorativos e pelos meios de comunicação. São os "lugares da memória" (NORA, 1993) que nos dizem o que é preciso lembrar.

[3] No original,"un espacio de negociación cultural en que diferentes historias (stories) compiten por um lugar em la historia (history)". Tradução livre da autora.

Mas não são eles apenas que traçam uma cartografia oficial e nos localizam no mundo coletivo. Ao simples toque da tecla do computador, do *tablet* ou do *smart phone* estão as imagens da linha da vida de milhões de usuários do *Facebook*. Memórias instantâneas compartilhadas sem cessar. Histórias à margem que ganham visibilidade e contaminam a rede de forma viral. No *YouTube*, cada um documenta a sua verdade, a sua realidade. São novas construções narrativas que rivalizam com os discursos até então hegemônicos da grande mídia, e até mesmo são cooptados por ela, por serem alçados a um patamar de verdade, que já não parece se encontrar mais nos veículos tradicionais, desmascarados diariamente na sua vã tentativa de contar histórias que parecem carecer de "realidade". Em entrevista ao jornal "O Globo", durante os protestos de junho no Brasil, o filósofo francês Pierre Lévy comentou as manifestações: "Há uma nova geração de pessoas bem educadas, trabalhadores com conhecimento, usando a internet e que querem suas vozes ouvidas (LÉVY, 2013). E completou, sobre qual seria a nova ideologia desses jovens: "Uma comunicação sem fronteiras, não controlada pela mídia. Uma identidade em rede".

As micro-narrativas anônimas parecem documentar melhor o cenário contemporâneo. Há uma explosão de novas subjetividades, um rastro de movimentos que levam para as praças e avenidas os "nativos digitais"[4], que já não se conformam com os silenciamentos que lhes eram impostos. Hoje, eles querem falar e querem ser ouvidos. Suas palavras de ordem estão na *web* e estão nas ruas. Eles querem organizar uma nova sociedade, e querem reverter a hierarquia das informações que aparecem nos conservadores veículos tradicionais, que têm sido obrigados, para "não perder o trem da história", a contar com a colaboração desses novos atores sociais que se transformam em sujeitos das notícias. Cada um participa, mas também relata, documenta, testemunha, via redes sociais. Sem a participação deles, os telejornais já não parecem tão "reais". Não basta mais que apresentadores se movimentem pelo estúdio ou que repórteres exibam fragmentos do mundo em dezenas de entradas ao vivo. O "olhar" do outro que maneja a câmera digital com maestria, sem o direcionamento de uma pauta prévia ou o ordenamento do olhar de um editor, parece ser mais intenso, mais próximo do que "realmente" acontece. É uma *overdose* de realidade, o relato em estado bruto, sem intermediações, que, mesmo se tratando de um ponto de vista pessoal, passa a ser mais respeitado e ganha o status de verdade universal.

Seria interessante tentarmos perceber nas manifestações de rua brasileiras como se coloca a ação de comunicação, como cartazes, palavras de ordem e relatos produzidos se

[4] Termo cunhado pelo escritor norte-americano Marc Prensky autor de "Teaching digital natives".

articulam como depoimentos. Daisi I. Vogel nos oferece uma pista quando, baseada em Mikhail Bakhtin, afirma que: "Mesmo os enunciados aparentemente monológicos são de fato dialógicos, porque mantêm uma interdependência de sentidos com outros enunciados, e todo enunciado é passível de reinterpretação a partir da perspectiva de diálogo" (VOGEL, 2012, p. 105). Sendo assim, viveríamos num "interminável diálogo que age na conformação do mundo" (id.ibid., p.105), isto é, qualquer discurso só ganha sentido na relação com o outro.

A FORÇA DO TESTEMUNHO

Ao analisar a força dos discursos testemunhais e tentar compreendê-los inseridos nas lógicas das sociedades contemporâneas, Beatriz Sarlo (2007) não se surpreende com o que ela caracteriza como "guinada subjetiva", que funcionaria como uma "sombra" do que foi nos anos 1970 e 1960 a "guinada linguística". A reconstituição da verdade abrigada na rememoração da experiência, a revalorização da primeira pessoa como ponto de vista, a reivindicação de uma dimensão subjetiva restaurariam a razão do sujeito. "Por conseguinte, a história oral e os testemunho restituíram a confiança nessa primeira pessoa que narra a sua vida (privada, pública, afetiva, política) para conservar a lembrança ou para reparar uma identidade machucada" (id.ibid., p. 19). Em países da América Latina, como a Argentina, a reconstrução do passado recente tem sido realizada preferencialmente, na falta de outro tipo de documento, com base nos testemunhos, que se transformam em "ícones da Verdade".

> A dimensão intensamente subjetiva (um verdadeiro renascimento do sujeito, que nos anos 1960 e 1970 se imaginou estar morto) caracteriza o presente. Isso acontece tanto no discurso cinematográfico e plástico como no literário e midiático. Todos os gêneros testemunhais parecem capazes de dar sentido à experiência. Um movimento de devolução da palavra, de conquista da palavra e de direito à palavra se expande, reduplicado por uma ideologia da "cura" identitária por meio da memória social ou pessoal (id.ibid.,p.38).

Alejandro Baer, apesar de não compartilhar a ideia de normalização/domesticação ("cura") de Sarlo, também considera que as biografias, construídas através das memórias, cumprem uma função de (re)localização do homem no cenário social:

> Em termos gerais, o giro em relação ao autobiográfico nas suas múltiplas manifestações contemporâneas reflete a quebra dos (grandes) relatos de legitimação histórica e cultural e a busca de novas formas de discurso, como a narrativa pessoal, conforme as novas socialidades fragmentadas, a cultura das mídias e os traumáticos acontecimentos históricos do século XX (BAER, 2005, p. 33)[5].

Ao analisar a "cultura da memória" (termo emprestado a Huyssen), Baer a contrapõe à cultura da amnésia. Segundo ele, "a 'cultura da memória' surge como uma problematização da amnésia, como uma reação à aceleração das trocas sociais e da vida despossuída de âncoras e raízes" (id.ibid., p.34)[6]. A preocupação do homem com a perda da memória o levaria, em contrapartida, a uma exorbitante atividade de recuperação, registro e documentação do passado em distintos tipos de suportes.

É neste sentido que o testemunho oral, o depoimento, a entrevista, a conversação, o diálogo ganham relevância. Vogel (2012) relata que a designação da entrevista como uma técnica predominantemente jornalística data do final do século XIX, ganhando popularidade na sua versão para o inglês, como *interview*, e assim também empregada nos países de língua alemã e francesa.

> A descrição de uma entrevista, válida para os seus diversos aproveitamentos, é a de um processo de comunicação em que a palavra passa de um para outro interlocutor, intercaladamente, em sequências de locução alternada, os turnos de fala, em que um dos participantes está incumbido de definir o tema e fazer perguntas, enquanto do outro são esperadas respostas (id.ibid., p.104).

Vogel, que em sua tese de doutorado estudou a relação do escritor argentino Jorge Luiz Borges com a entrevista, aponta detalhes interessantes entre o que difere, por exemplo, a entrevista da conversação. A primeira teria regras mais limitadas, uma distribuição clara de papeis, uma finalidade informativa clara, isto é, um alto grau de determinação. Na conversa, a autora identifica um caráter lúdico, diferente, portanto, da finalidade utilitária da entrevista. "Borges, em suas entrevistas, procurava sempre transformá-las em conversações, de modo a usufruir do lúdico e do gratuito da literatura" (id.ibid., p.108).

---

[5] No original: "En términos generales, el giro hacia lo autobiográfico em sus múltiples manifestaciones contemporâneas refleja la quebra de los (grandes) relatos de legitimación histórica y cultural y la búsqueda de nuevas formas de discurso, como la narración personal, acordes com las nuevas socialidades fragmentadas, la cultura de los medios y los traumáticos acontecimientos históricos del siglo XX." Tradução livre da autora.

[6] No original: "La 'cultura de la memoria' surge como una problematización de la amnesia, como una reacción a la aceleración de los cambios sociales y a la vida desposeída de anclajes y raíces." Tradução livre da autora.

A entrevista pode e deve flertar com o jogo e com o lúdico, mas certamente, como defende José Carlos Aronchi de Souza, ela não tem as características de um *show*. "No gênero entrevista, o entrevistado é o foco e não há *show* comandado pelo jornalista apresentador" (SOUZA, 2004, p. 147). Os programas de entrevista, debate e os documentários são, segundo o autor, formatos que pertencem ao telejornalismo, porém se tornam gêneros pelo status que alcançaram com a audiência.

Cada vez mais, observamos o espaço que esses gêneros ocupam nas grades de programação das emissoras de canal aberto e fechado, sem falar na infinidade de depoimentos que podem ser acessados hoje nas redes sociais. Parece-nos assim que a entrevista adquire um novo status no ambiente audiovisual, como recurso que garante a legitimidade dos relatos, mas, em especial, que dá acesso ao telespectador comum a um riquíssimo universo de vivências, o que nos parece indissociável da complexidade contemporânea e de um planeta habitado por mais de 8 bilhões de "outros".

Ao analisar a presença do público naquelas entrevistas que são veiculadas pelos meios de comunicação, Vogel, baseada em Dominique Maingueneau, fala da existência de um terceiro personagem da entrevista, presente ou invisível, que posso ser eu ou você.

> Há, portanto, o reconhecimento da existência de coenunciadores que não estão presentes e que se posicionam eventualmente fora do campo empírico da entrevista, rompendo a privacidade da sala fechada, da conversa que acontece e permanece entre dois. É muito mais do que retirar a quarta parede, o que resulta na plateia do teatro. É lançar a cena no imaginário social, com sua gama infinita de apropriações e ressignificações (VOGEL, opus.cit., p. 110).

A autora comenta essas afinidades entre o espaço da entrevista veiculada por uma mídia e o espaço do teatro, mostrando características do diálogo que se assemelham aos atos teatrais. E ainda mostra que todo entrevistador e entrevistado assumem *personas* públicas, quando estão a participar deste jogo que é a entrevista. É o artifício que o cineasta Eduardo Coutinho evoca por exemplo em "Jogo de Cena", quando o espectador não sabe distinguir de fato entre atores e pessoas reais que testemunham sobre suas vidas para a câmera.

Para a maior compreensão do processo da entrevista, Vogel aponta ainda para uma convergência possível entre o ensaísmo e a entrevista.

> Ambos são campos de experimentação do conhecimento, nos quais a via de acesso aos saberes está no trabalho reflexivo e dialógico. Por isso, têm sido apontados como gêneros especialmente adequados à nossa época, em que as afirmações sentenciosas perderam seu lugar de crédito (id.ibid., p. 112).

Parece-nos, sem aprofundamento do tema, que esta é uma das chaves para o entendimento da receptividade que existe hoje ao gênero entrevista e seu sucesso entre os mais diversos públicos. "Assim como o ensaio, a entrevista prevê, em sua organização interna, a possibilidade de vencer o limite da objetividade e o tom sentencioso das asserções declarativas" (id.ibid., p. 113). Isto é, na interpretação da autora, a vitalidade e a oxigenação que os dois gêneros podem trazer ao cenário de angústia e perplexidade dos dias de hoje, em que as certezas perderam há muito o seu lugar e em que a efemeridade de conceitos e práticas se tornou marca da cultural contemporânea.

Outra observação importante ao analisarmos o processo de registro das entrevistas é o tratamento que é dado a elas no campo audiovisual e que inclui o " 'sujeito-da-câmera', que engloba não só a pessoa que está operando a câmera, mas toda a equipe que está 'atrás da câmera' no momento da tomada" (MUSSE, C.F.; MUSSE. M.F., 2010, p. 157). No cenário da gravação de uma entrevista, a equipe tem uma presença decisiva, que vai dar a moldura ao relato, forma esta que, dependendo do resultado estético pretendido, poderá ser marcada por uma postura de maior ou menor intrusão, de maior ou menor mediação. O comportamento deste "sujeito-da-câmera" será indissociável do produto final que será compartilhado pelo espectador.

> As formas típicas desse sujeito são entrevistas, câmera na mão, a imagem tremida e o plano sequência. Em alguns casos, esse sujeito pode-se tornar personagem central da narrativa documentária e, em outros casos, a história do filme torna-se parte da sua história, ou seja, ao mesmo tempo que conta a história de alguém, também está contando a sua (id.ibid., p. 157).

Interessa-nos especialmente a observação dessa simbiose que ocorre entre entrevistador e entrevistado. Este processo é a todo o momento colocado à prova no momento da entrevista. Ele nos evidencia uma espécie de contrato que é tecido entre as partes e que, da forma como for colocado em prática, possibilitará um resultado mais rico e, neste aspecto, não apenas pela quantidade de dados revelados, mas também por toda uma sensibilidade capaz de ser captada através do gestual, das divagações e dos silêncios... O

não-dito é de uma relevância imensa, embora, poucas vezes, as entrevistas telejornalísticas consigam exibi-lo dentro da sua expressividade e complexidade.

"GARRAFAS AO MAR: A VÍBORA MANDA LEMBRANÇAS"

O jornalista Geneton Moraes Neto[7], da Globo News, já entrevistou alguns dos mais interessantes personagens da história recente. Darcy Ribeiro, Nélson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Fernando Sabino, Paulo Francis foram alguns dos entrevistados de quem ele retirou comentários ácidos, observações argutas sobre o cenário contemporâneo, ou falas das mais prosaicas sobre o cotidiano. Seja a confissão de amor pela vida do intelectual Darcy Ribeiro ("Adoro comer !"), ou o sugestivo comentário do universal poeta de Itabira: " Fiz da minha poesia um sofá de analista", entre muitos outros. Mas foram trechos das dezenas de horas de entrevistas gravadas com o jornalista Joel Silveira, que preencheram a maior parte do primeiro documentário produzido por Geneton para o canal de TV Globo News.

Apaixonado por jornalismo, com mais de 40 anos de profissão, Geneton, de 57 anos, é um colecionador de memórias. "No prédio onde mora, no Rio, o jornalista mantém outro apartamento abarrotado de livros, fitas, recortes, LPs, CDs e até uma máquina de escrever que ganhou aos 12 anos de idade" (CASTRO, 2013, p.10). Ele confessa: "Uma das funções do jornalista é produzir memória. Sempre tive essa obsessão de preservar tudo. Poderia ter transcrito e apagado, mas guardei. À primeira vista, algo pode parecer até banal, mas com o tempo ganha peso" (apud CASTRO, 2013, p.10).

A amizade de 20 anos com Joel Silveira, que nasceu em Sergipe, em 1918, e morreu no Rio de Janeiro, em 2007, e é considerado por Geneton como o maior repórter brasileiro, é o combustível para o roteiro do documentário. Com narração do cantor Fagner e leituras de Carlos Vereza e Othon Bastos, o programa resgata a trajetória de Joel, um repórter destemido, muitas vezes ferino, e com uma das mais belas prosas da imprensa brasileira, talento reconhecido por um prêmio Jabuti, em 1986, concedido ao seu livro "Tempo de contar".

[7] Geneton Moraes Neto é autor de livros-reportagem como "Dossiê Brasília: os segredos dos presidentes" e "Dossiê Drummond". Nascido em Recife, Pernambuco, em 1956, ele já ocupou as mais diversas funções na longa carreira como jornalista, notabilizando-se, em especial, como entrevistador em várias grandes-reportagens e séries veiculadas pela TV Globo e Canal Globo News. Em parceria com Joel Silveira, escreveu "Nitroglicerina pura", desvendando documentos que passaram 50 anos escondidos em Londres e Washington e que traçam um perfil devastador da elite política brasileira.

Talentosíssimo mas certamente não reconhecido como mereceria, o que leva Geneton a perguntar: "O que deu errado para se perder o espaço para um repórter como Joel Silveira? Alguém que conseguiu dosar como ninguém literatura e jornalismo. Alguém que não devia nada a Gay Talese ou Tom Wolfe – dois ícones do movimento chamado novo jornalismo" (apud CASTRO, 2013, p.10).

Apelidado por Joel Silveira de "coisa investigativa", Geneton confessa no documentário que a convivência dele com aquele a quem considerava um mestre mostrou-lhe que qualquer atividade jornalística que não fosse a reportagem era um desperdício. "A gente tem que manter os olhos arregalados de quem está vendo tudo pela primeira vez" (apud CASTRO, 2013, p.11).

A capacidade de perceber as boas histórias e a prosa elaborada são atributos que marcaram o trabalho de Joel Silveira. Certamente, ao ler seus textos, sejam aqueles que descrevem ferinamente as frivolidades dos grã-finos paulistas (e que lhe valeram o apelido de "víbora" dado por ninguém menos que Assis Chateaubriand) ou os produzidos no gélido *front* da Itália, na Segunda Guerra Mundial, pode-se observar o talento do jornalista investigativo, detalhista, incansável na apuração, mas em especial um grande entrevistador. Os perfis que Joel Silveira constrói de políticos, religiosos, militares, artistas plásticos, jornalistas, escritores, celebridades e anônimos são exemplos do melhor jornalismo aliado à melhor literatura. Coisa rara na grande imprensa de nossos dias. Para Geneton, tudo culpa da "ditadura da objetividade" (apud CASTRO, 2013, p.10).

Talvez um dos mais belos exemplos da capacidade de narrar de Joel Silveira seja aquela observável no texto "Primeiro, único e desastrado encontro com Getúlio", que, à semelhança do texto de Gay Talese sobre Frank Sinatra, "Frank Sinatra está resfriado", mostra a genialidade do autor em fazer a reportagem da entrevista que não aconteceu. Vejamos um trecho:

> Muito prazer em conhecê-lo, dr. Silveira. Não o imaginava tão moço – disse-me Getúlio.
> E depois:
> - Sente-se, dr. Silveira. Estou inteiramente às suas ordens.
> A fala amiga, informal, a fisionomia descontraída, as volutas azuis da fumaça do charuto; e lá fora, nos jardins dos fundos, a algaravia atonal dos pardais; e aquela última réstia de sol que descia das persianas e ia incrustar no tapete uma moeda de prata; e lembro também que o garçom nos trouxe um cafezinho – enfim, ali estava eu, ali estava ele, o Homem, o Presidente. Era a hora da verdade, irreversível, às cinco e meia em ponto da tarde, eu não podia fugir mais, ele esperava,, a conversa inicial já se demorara demais, agora era ir até o fim.

> E então foi o desastre!
> Eu disse:
> - Presidente, não quero tomar o tempo de Vossa Excelência – por que presidente da República tem de ser Excelência? Serão todos obrigatoriamente Excelentes? -, que sei precioso. Estou aqui como jornalista, trouxe um questionário – tirei o papel do bolso, fiz intenção de entregá-lo -, gostaria que Vossa Excelência respondesse a algumas perguntas...
> O DESASTRE! Na fisionomia louçã e sorridente começava agora a se estampar o terrível desastre. Os olhos de Sua Excelência incendiaram num segundo; uma nuvem sombria, de um cinzento bilioso, escondeu o róseo das faces; a mão pequena repeliu a folha de papel como se quisesse afastar para o mais distante possível algo extremamente repugnante; e a voz mansa se encrespou, tornou-se rascante, fria como gelo; e dura e fria e cortante me bateu no rosto e nos ouvidos com toda a fúria de uma incontida chicotada.
> Sem me olhar, Getúlio disse, quase sibilante:
> - O senhor deixe o papel com o dr. Lourival. Ele lhe telefonará depois.
> E o homenzinho levantou-se, esmagou no cinzeiro de cristal o que restava do charuto, e desapareceu por uma porta ao lado, que bateu com força. Nem ao menos me estirou a mão. Apenas a chicotada, e como doeu! E como ainda dói!" (SILVEIRA, 1993, p. 19).

É esta sensibilidade do jornalista, esta rara capacidade de tecer a realidade através da percepção do outro, da descoberta do outro pela entrevista, que o desnuda, revelando-o em sua complexidade, que Geneton resgata para o documentário. É também a percepção autoral, a subjetividade do narrador, que enriquece o relato e o torna único. Geneton é aquele eterno aprendiz que trabalha com imensa dedicação para revelar sua percepção de mundo. E não pretende se esconder sob a couraça da "objetividade". Quando começa o documentário, com um belo plano geral sobre as praias da zona sul do Rio de Janeiro, a voz de Geneton aparece em *off*, confessando que jamais pensaria em começar um trabalho daquela forma, com a voz também em *off* de Caetano Veloso, cantando "Cidade maravilhosa". Depois, numa outra sequência, a câmera faz um *travelling*, em contra-*plongée*, mostrando a copa das árvores e os prédios da rua Francisco Sá, em Copacabana, onde Joel Silveira morou por anos, só para falar do sentimento de se sentirem "estrangeiros" naquele Rio de Janeiro, onde construíram boa parte de suas carreiras. "Sou um azarado vocacional. Sempre fiz parte do time dos perdedores de sorteios. Mas posso dizer que, entre um e outro azar, tirei a sorte grande na loteria do Jornalismo: tive a chance de conviver intensamente, durante vinte anos, com aquele que é considerado 'o maior repórter brasileiro'" (MORAES NETO, 2013).

O mais interessante é que das longas conversas no apartamento de Joel, quase tudo foi arquivado por Geneton, que usou fitas cassete de áudio e fitas de vídeo para registrar as entrevistas com o mestre :

> Ficamos amigos. Mas, diante do grande repórter, preferi me comportar não apenas como amigo, mas também como repórter: gravei horas e horas de entrevistas com ele, em áudio e vídeo, ao longo desses anos todos. O gravador do aprendiz recolhia as palavras do mestre – um repórter que tinha ido a uma guerra, convivido com presidentes e retratado grandes figuras da vida brasileira (id.ibid., 2013).

É este material raro e precioso que vai ilustrar o documentário de uma hora e vinte minutos, exibido em janeiro no Canal de Notícias Globo News, mas que também pode ser acessado na íntegra a qualquer momento pela internet, através do endereço: globotv.globo.com/globo-news/Globonews-documentario/garrafas-ao-mar-a-vibora-manda-lembranças-mostra-as-historias-de-joel-silveira/2622792/. O documentário resgata várias das entrevistas feitas por Geneton, com gravações marcadas pela forma artesanal como foram captadas, criando uma atmosfera de filme de arquivo, que garante ainda mais veracidade ao relato. Além disso, trechos de matérias escritas por Joel Silveira são interpretados em estúdio, sem qualquer tipo de cenário, pelas belas vozes de Carlos Vereza e Othon Bastos.

O documentário tem um viés autoral, tem o saudosismo que a câmera subjetiva, ao final, revela ao "invadir" o apartamento vazio, depois da morte de Joel, mas é também uma grande aula de jornalismo e mostra a competência do repórter que não se satisfaz com o que é fácil e rotineiro. Ou que é capaz de identificar o traço de excepcionalidade naquilo que é o mais puro cotidiano. As "garrafas ao mar" funcionam como esta mensagem que não pode ser esquecida, que deve ser encontrada e resgatada para o futuro do jornalismo. "Eu fui atrás de tudo que quis fazer, não esperei ninguém me pedir. Conversei com os jogadores brasileiros que perderam a Copa de 1950 por conta própria. Não existe falta de assunto, há jornalista entediado. E repórter tem que ser chato, ficar atrás, não dar o assunto por encerrado" (apud CASTRO, 2013). Palavras simples, mas de imenso significado para todo e qualquer jornalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho, não podemos deixar de colocar em pauta a questão que não quer calar: o (tele)jornalismo está em crise, portanto, não é hora dele se reinventar? O documentário de Geneton Moraes Neto é um belo exemplo de que é possível produzir-se jornalismo de qualidade na televisão brasileira. E jornalismo que lança mão da entrevista não só como técnica, mas como alma da grande reportagem.

Depois de mais de 25 anos de magistério superior, fora os muitos anos como repórter e entrevistadora de TV, ficamos a nos perguntar, diante das Novas Diretrizes Curriculares do Curso de Jornalismo, qual o caminho a seguir neste início de século XXI, quando a narrativa jornalística mostra evidentes sinais de cansaço e a profissão vive sob a ameaça de ter que se reinventar para continuar existindo.

É sintomático que, em outros campos, como a História, as Ciências Sociais e a Psicologia, por exemplo, tenha-se tanto material teórico para tratar da entrevista, enquanto que, no Jornalismo, existam tão poucos títulos, ou tão poucas disciplinas a esmiuçar a questão. Quando se fica restrito ao telejornalismo, a entrevista, tão fundamental, aparece tão pouco como objeto de análise, salvo nos manuais que explicam a entrevista apenas como uma ferramenta, isto é, de uma forma reducionista.

A questão da memória também merece uma profunda análise. Em tempos de Comissão da Verdade revisitando o nosso passado político recente, da Lei de Acesso à Informação tentando dar mais transparência ao serviço público, os estudos da memória social são indispensáveis à formação de jornalistas com maior capacidade de análise e crítica, para a reconstrução dos sentidos do passado e compreensão do presente

Acreditamos que revisitar Joel Silveira é uma tarefa que garante a qualquer leitor o prazer de um belo texto. Assistir ao documentário que traça um perfil inteligente do mestre é perceber as inúmeras possibilidade de se fazer um ótimo jornalismo de TV. Este pode ser o primeiro passo na tentativa de revitalizar o telejornalismo. Não é que faltem programas de entrevista em estúdio, ou mesmo *talk shows*. O que falta são entrevistas como suporte de grandes reportagens, documentários ou mesmo das matérias diárias, que revitalizem o telejornalismo como lugar de referência e de conhecimento do mundo.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro.** São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BAER,Alejandro. **El testimonio audiovisual: imagen y memoria del Holocausto**. Madri: Centro de Investigaciones Sociológicas; Siglo XXI de España Editores, 2005.

CASTRO, Natalia. Guardião da memória. Revista da TV, **O Globo**, 27 jan 2013, p.10 e 11.

COUTINHO, Iluska; ALVARENGA, Nilson Assunção (orgs.). **Identidade e tecnocultura: a comunicação em questão**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

LÉVY, Pierre. Entrevista a André Miranda. **O Globo**, Segundo Caderno, 26 jun 2013, p.2.

MAGALHÂES, Patrícia Rocha. **Entrevista investigativa em TV: o perfil e o trabalho de um repórter diante do embrião do jornalismo**. Trabalho de conclusão do Curso de Graduação. Juiz de Fora, MG, 2008.

MAROCCO, Beatriz (org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012.

MORRE no Rio a víbora Joel Silveira. In: http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,morre-no-rio-a-vibora-joel-silveira,35469,0.htm . Acesso em 24 jun 2013.

MORAES NETO, Geneton. **Garrafas ao mar: a víbora manda lembranças.** In: globotv.globo.com/globo-news/Globonews-documentario/garrafas-ao-mar-a-vibora-manda-lembranças-mostra-as-historias-de-joel-silveira/2622792/. Acesso em 26 jun. 2013.

MORAES NETO, Geneton. Um documentário sobre a víbora Joel Silveira nos faz perguntar: Jornalismo, "onde escondesse o verde clarão dos dias?". **Dossiê Geral – o blog das confissões.** G1. Em http://g1.globo.com/platb/geneton/2013/01/31/um-documentario-sobre-a-vibora-joel-silveira-nos-faz-perguntar-jornalismo-onde-escondeste-o-verde-clarao-dos-dias/. Acesso em 24 jun 2013.

MUSSE, Christina Ferraz; MUSSE, Mariana Ferraz. A entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações. In: COUTINHO, Iluska; ALVARENGA, Nilson Assunção (orgs.). **Identidade e tecnocultura: a comunicação em questão.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 147-159.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, PUC/SP, São Paulo, n.10, 1993, p. 7-28.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p.3-15.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado, cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

_____. **Modernidade periférica – Buenos Aires 1920 a 1930**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SILVEIRA, Joel. **Tempo de contar**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1993.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VOGEL, Daisi I. A entrevista, um traçado aberto. In: MAROCCO, Beatriz (org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012.